

## **Trabalho e aposentadoria: realidade social de moradores de um bairro periférico de uma cidade do interior de São Paulo**

Thais Silva Cintra<sup>1</sup>  
Daniela de Figueiredo Ribeiro<sup>2</sup>

### **INTRODUÇÃO**

Na sociedade contemporânea, o trabalho é definidor do sentido da existência humana e, mesmo antes da criança entender o significado do trabalho, já está sendo preparada para este através do processo de socialização. A vida humana atual é organizada pelo trabalho, pelos seus horários e atividades, e os relacionamentos pessoais são determinados de acordo com ele (ZANELLI & SILVA, 1996).

Bruns e Abreu (1997) afirmam que a própria sociedade define um “tempo útil”, “um limite” na vida das pessoas, estabelecido pela aposentadoria, que se apresenta com um dispositivo legal criado pelo sistema a fim de impor o “limite da mais valia do corpo”. Portanto, torna-se comum a desorientação da pessoa quando pára de trabalhar, sentindo-se inútil e desestruturada emocionalmente.

Nesta perspectiva, o trabalho é visto como núcleo da vida do adulto e, quando é tirada a oportunidade de conviver naquele ambiente e com aquele grupo de pessoas, é comum ocorrer um processo de negação, principalmente se a aposentadoria vier de forma abrupta. As conseqüências podem ser o medo da instabilidade econômica, de doenças e da velhice e, também, há relatos de que há incidência de separações conjugais e até o índice de suicídios aumenta nos primeiros anos ou meses da aposentadoria (ZANELLI & SILVA, 1996).

Segundo Veras, Ramos e Kalache (1987), na maioria dos países os sistemas de aposentadoria foram fundados há pouco mais de meio século. No início foram instituídos como uma forma de assistência e, cada vez mais, se desenvolvem como um direito do trabalhador. Durante o período ativo é obrigatória a contribuição do indivíduo, assim, após o período funcional, a aposentadoria garante uma renda vitalícia a fim de manter sua subsistência.

Segundo Sinésio (1999), a conquista dos trabalhadores pelo direito à aposentadoria contribuiu para amenizar as condições a que os trabalhadores foram submetidos após a revolução industrial. No caso do Brasil, que é marcado por profundas desigualdades sociais, a fase da aposentadoria é enfrentada com bastante dificuldade em virtude, também, das péssimas condições de trabalho oferecidas. Os humilhantes salários obrigam os trabalhadores a trabalharem mais tempo, ocasionando esgotamento físico e mental que favorecem as doenças e acidentes de trabalho, que ocorrem freqüentemente no Brasil. Desta forma, muitas vezes a aposentadoria se dá por invalidez.

Para Medeiro (1992), o sistema capitalista provoca no trabalhador, que é considerado como mercadoria, um desgaste físico e emocional e, se ele não cumprir bem suas tarefas, será dispensado e substituído. Assim, o trabalhador se esforça cada vez mais, exigindo muito de si, tendo muitas vezes sua saúde prejudicada, o que o impede de trabalhar ou diminui a qualidade do serviço. Desta forma, a idade é claramente relacionada com a aposentadoria, pois o sistema

---

<sup>1</sup> Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário de Franca Uni-FACEF. Bolsista FAPESP (Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo). E-mail: thais\_cintra@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia pela FFCLRP-USP. Docente no Centro Universitário de Franca Uni-FACEF. E-mail: ribares@netsite.com.br

explora tanto do trabalhador, que este esgota suas forças e, conseqüentemente, antecipa seu envelhecimento.

A própria palavra aposentar representa uma imagem negativa, pode ser entendida como “pôr de parte, de lado”, ou seja, a imagem é de inutilidade.

A Previdência Social estimula os trabalhadores mais velhos a se aposentarem, o argumento usado é que eles estão ocupando o lugar dos jovens que estão ingressando no mercado de trabalho e que estes necessitam mais. O fato dos trabalhadores jovens ganharem menos também estimula que indústrias ofereçam pensões aos trabalhadores mais velhos, dessa forma, tornando a aposentadoria mais atraente (SKINNER & VAUGHAN, 1985).

Gianni (2001) buscou entender em sua pesquisa sobre “o idoso – homem - e seu envelhecer” o significado que o trabalho possui na vida de um idoso atualmente, e apontou como fundamental que se tenha em mente o contexto histórico do Brasil, compreendendo o advento da industrialização e as profundas modificações na forma de vida e de produção de bens e serviços que afetam a população.

No caso do Brasil, os idosos de hoje se inseriram no mercado de trabalho entre 1930 e 1960, quando a organização da classe operária, a construção dos métodos de trabalho e de produção foi embasada pela cultura européia.

O fim de um ciclo (hegemonia agroexportadora), e o início de outro (produção urbano industrial) é o cenário da revolução de 30, que ocorreu devido à política de Getúlio Vargas.

Durante o governo de Juscelino Kubitschek aumentou a migração rural-urbana e durante o curto governo de Jânio Quadros e João Goulart foram inseridas novas medidas econômicas que proporcionaram um melhor atendimento às necessidades das classes trabalhadoras (GIANNI, 2001).

A partir da década de 80, o capitalismo internacional gerou transformações na estrutura sócio-econômica do país. As revoluções tecnológica produtiva, comercial e financeira decorrentes do processo da globalização afetaram os modos de pensar, sentir e agir das pessoas. Os trabalhadores passaram a ser valorizados pela sua capacidade produtiva, ou seja, por responder positivamente às necessidades próprias do sistema capitalista (IGARASHI, 2001).

Além de todo esse contexto do mundo atual, onde os idosos enfrentam grandes dificuldades em aprender e utilizar as novas tecnologias, eles também enfrentam a aposentadoria como um desrespeito, sendo sua renda insuficiente para manter a família e a si próprio (GIANNI, 2001). Dessa forma, a fim de complementarem sua renda, se submetem a atividades de subemprego, não desfrutando de nenhum tipo de lazer, o que dificulta a possibilidade de se obter um envelhecimento bem-sucedido (PELOZO & NEVES, 1998).

Diante dos acontecimentos cotidianos e das interações e comunicações que ocorrem no interior dos grupos sociais é que são construídas as representações sociais. No Brasil existem pesquisas que mostram como os próprios idosos simplificam o envelhecimento humano, exclusivamente a partir das perdas, representando o processo com predisposições desfavoráveis, estereótipos negativos e preconceitos. A principal representação social do envelhecimento é ser uma fase de não-trabalho, refletindo a crença de que a aposentadoria significa o começo do desengajamento social. Isto ocorre, principalmente, pela valorização do trabalho como um patrimônio da juventude (VELOZ; NASCIMENTO-SCHULZE & CAMARGO, 1999).

O Brasil, entre os países mais populosos, é um dos que apresenta o maior índice de envelhecimento populacional. Este fato traz uma conseqüência importante, que é o envelhecimento da população ativa. Diante de estudos das perspectivas de crescimento da população economicamente ativa (PEA), entre 1980 a 1990 a faixa etária da população que mais cresceu foi a de 25 a 49 anos e, estima-se que entre 2000 a 2020 a população economicamente ativa estará acima dos cinquenta anos. Concluiu-se que os idosos que

mantém boas condições de saúde, autonomia física e mental, conseguem assegurar os papéis que consideram importantes na sociedade. Portanto, a sociedade deve rever os conceitos sobre os idosos e considerar o potencial que estes possuem, possibilitando até mesmo a reinserção no mercado de trabalho, caso esta seja da vontade do idoso. De acordo ainda com os dados sobre o envelhecimento da PEA, torna-se essencial a preocupação que investimentos na área da educação, saúde e trabalho sejam feitas, a fim de preparar os jovens e adultos de hoje que, futuramente, estarão ligados ao mercado de trabalho por mais tempo (GIATTI & BARRETO, 2003).

Camarano (1999) também confirma a expectativa do idoso brasileiro de deixar a aposentadoria para depois e continuar integrando a população economicamente ativa, afinal, é quase obrigado a isto, já que a maioria dos idosos que se aposentam ganham o equivalente a um salário mínimo, o que mal dá para a própria sobrevivência.

O trabalho informal se caracteriza como uma solução para os aposentados, porém este setor do trabalho está relacionado, na maioria das vezes, com atividades de subemprego, sendo as ocupações precárias e os salários baixos (GIATTI & BARRETO, 2003).

Silva e Barbosa (2001) constataram que no Rio de Janeiro 2/3 da mão-de-obra informal é formada por homens entre 25-59 anos, sendo que metade destes se encontram na faixa de 40 anos ou mais. A partir desta estatística, dois aspectos foram considerados: primeiro, a idade como limite na permanência prolongada no setor formal; segundo, a experiência profissional como produtora de novos caminhos ou meios autônomos para se completar a renda (GUIMARÃES, 2004).

Na cidade onde o atual estudo foi realizado, a indústria calçadista é um setor intensivo de trabalho, porém o custo da mão-de-obra é importante nos gastos das empresas. Desta forma, a competitividade das empresas calçadistas foi associada com a capacidade de redução de custos, principalmente no custo com mão-de-obra. Em consequência desta situação, tem crescido a informalidade nas relações de trabalho (SUZIGAN, 2000). Os serviços nas fábricas foram fragmentados e passaram a ser realizados dentro das próprias residências de trabalhadores (BARBOSA & MENDES, 2003).

Neste cenário, o setor informal torna-se uma opção para aposentados que necessitam complementar sua renda, já que o mercado formal procura substituir funcionários mais velhos pelos mais jovens, devido à maior capacidade de produção.

Dados estatísticos revelam que em 1980 a cidade pesquisada possuía 9.301 habitantes idosos, contudo projeções mostram que a média esperada para 2010 é de 29.324 habitantes, demonstrando um grande aumento da população idosa, o que requer real atenção para a situação desta população (POLONI; PACHECO; FILHO & LESSA, 2000).

Diante do contexto local dos aposentados e da estimativa de aumento da população idosa, mostrou-se importante conhecer a perspectiva e a vivência de aposentados que, após a saída do mercado de trabalho formal, continuam realizando atividades profissionais em suas residências. O estudo foi realizado com vistas a identificar as práticas de resistência e submissão destes aposentados quanto ao discurso hegemônico sobre a aposentadoria e o trabalho.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa realizada está fundamentada na abordagem qualitativa, onde se busca estudar o fenômeno em seu acontecer natural. Segundo André (1995), leva-se em conta “todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas” (p.17).

Este tipo de pesquisa envolve um trabalho de campo, onde as pessoas, as situações, o estilo de vida em certa sociedade são observados e apreendidos em sua situação natural pelo pesquisador. Foi utilizada a metodologia etnográfica, com vistas a descobrir novos conceitos,

novas relações e novas formas de entendimento da realidade, mergulhando no universo pesquisado.

A pesquisa de campo ocorreu em duas etapas: na fase exploratória foi realizada observação participante em dez residências, visando compreender o contexto geral em que estavam inseridos os trabalhadores e o padrão de relacionamento familiar existente. Nesta fase também foi resgatada a história de vida de dois aposentados. Os dados foram registrados em diário de campo e as entrevistas gravadas e transcritas na íntegra. A segunda fase, chamada focalizada, consistiu na realização de entrevistas semi-estruturadas de profundidade com cinco aposentados, apresentados a seguir:

Participantes <sup>3</sup>	Idade	Motivo da aposentadoria	Papel familiar	Estado Civil	Função profissional
Maurício	49	Invalidez;	Marido e avô;	Amasiado;	Costura manual de sapato;
Estér	33	Invalidez;	Mãe responsável pela casa;	Divorciada;	Costura manual de sapato;
José	62	Tempo de serviço;	Marido e pai;	Casado;	Costura manual de sapato;
Jair	61	Tempo de serviço;	Marido, pai e avô;	Casado;	Costura manual de sapato;
Pedro	52	Tempo de serviço.	Marido, pai e responsável pela casa.	Casado.	Fábrica de sola;

Quadro 1: aposentados participantes da 2ª fase da pesquisa

Os dados obtidos passaram por uma análise hermenêutica-dialética, que busca uma reflexão sem rompimento com a prática, determinando a autocompreensão dos dados coletados, pressupõe sempre uma intersubjetividade e resgata o sentido da comunicação entre os seres humanos através da linguagem ordinária do homem no seu cotidiano (MINAYO, 1996).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo ocorreu em um bairro periférico da cidade, e todos participantes eram aposentados e costuravam sapatos manualmente, compondo o quadro de uma camada social baixa.

Na primeira fase da pesquisa foi possível conhecer a história do bairro pesquisado, como foi sua formação, o quanto se desenvolveu e como se caracteriza o cotidiano dos moradores que trabalham com a costura manual do sapato em suas residências.

O bairro foi criado a partir de um programa de habitação popular realizado entre um banco federal e a prefeitura municipal, tendo menos de dez anos de existência. Ele se localiza na periferia da cidade e as casas possuem o mesmo padrão de construção e tamanho.

No local não há igrejas, clubes, praças, postos de saúde, creches ou escolas. A prefeitura oferece ônibus escolar e transporte público, sendo realizada a ligação bairro-centro. É importante notar que esta conquista se deu a partir da solicitação da Associação de Moradores do bairro. Há também a coleta de lixo realizada pela prefeitura e a coleta do lixo reciclável é realizada por uma família moradora do bairro. Há uma biblioteca para os

<sup>3</sup> Todos os nomes apresentados são fictícios.

moradores localizada na casa de uma das famílias, onde os donos da casa recebem doações de livros e mantêm um acervo disponível.

Na costura manual, que é realizada dentro da residência, não há divisão entre local de trabalho e de moradia, tudo se mistura. Em todas as residências o trabalho é feito com um fundo musical, rádio ligado, ou até mesmo com o som da televisão. Como trabalham na sala e na varanda, a iluminação e ventilação são boas, pois na sala a porta e as janelas ficam abertas.

Os aposentados participantes da pesquisa demonstraram uma situação compatível com a realidade brasileira, que é marcada por uma profunda desigualdade social, sendo a fase da aposentadoria enfrentada com bastante dificuldade, além das péssimas condições de trabalho oferecidas. Dos cinco participantes, dois se aposentaram por invalidez, o Maurício com 49 anos e a Estér com 33 anos. Nota-se que os baixos salários obrigam os trabalhadores a jornadas excessivas de trabalho, ocasionando esgotamento físico e mental, que favorece as doenças e acidentes de trabalho. Desta forma, muitas vezes a aposentadoria se dá por invalidez no Brasil (SINÉSIO, 1999).

Para quatro aposentados o trabalho após a aposentadoria é visto como uma possibilidade de se sentir útil. Nota-se que o sentimento de utilidade está intrinsecamente ligado ao trabalho, o que se deve ao processo de socialização que é imposto na sociedade atual, sendo o trabalho definidor do sentido da existência humana (ZANELLI & SILVA, 1996). Também para Caldas (1997) o trabalho não é somente fonte salarial, mas representa um lugar na hierarquia social, além de envolver uma série de movimentos corporais que penetram na vida psicológica. Assim, é a partir da continuidade de atividades produtivas que se torna possível manter a saúde do corpo e da mente. Contudo, estes aposentados conseguem dar uma solução para amenizar o estereótipo criado sobre o aposentado, sendo este visto como um ser doente e dependente (PELOZO & NEVES, 1998). Diante dos relatos de dois participantes é possível constatar a idéia:

*“(...) estar ativo é bom porque você ocupa a cabeça com alguma coisa que cê tá fazendo, que cê tá trabalhando, então cê tá ocupando a cabeça aí...porque geralmente a pessoa aposentada começa a dizê que não tá servindo pra nada...isso é, acho que 90%, porque ela acha que incomoda, ela se acha inútil...então a pessoa trabalhando, ela vai ganhá um dinheirim, mesmo que não seja muito, vai ganhá alguma coisa assim, então ela vai se sentir melhor (...)então é melhor a pessoa que tá ativa (...) ela vai se sentir útil, quando terminá o dia ela vai pensá: poxa vida hoje eu fiz tal coisa (...)” (Maurício).*

*“(...) ficá a toa não dá...tem que fazê qualquer coisa...senão fico meio sufocado...é cê vai lá dentro, volta, sai pra rua andando a toa...ah não tem o que fazê...num tem rumo...tem que tá mexendo (...) porque cê tem que mexê o corpo né, não fica aí sentado numa cadeira né? tem que mexê os braço, perna, a cabeça um poquim (...)” (Jair).*

Os cinco aposentados entrevistados disseram que o principal motivo para continuarem trabalhando é o baixo salário da aposentadoria e, a saída encontrada para suprir as despesas pessoais e da família é a costura manual do sapato em suas residências, como pode ser observado nos seguintes relatos:

*“(...) a aposentadoria é poca, é um salário mínimo, aí já aperta né? você tem que fazê alguma coisa, trabalhá, pra pôde complementá o orçamento, porque tem a despesa de casa, dessas coisa tudo que a gente tem(...)” (Maurício).*

*“(...) no meu caso eu tenho que trabalhá né? porque eu ganho pouco e tenho os dois menino, então eu tenho que trabalhá pra tê um rendimento porque senão não dá (...)” (Estér).*

Contudo, com a possibilidade de se trabalhar após a aposentadoria existem ganhos secundários, que é a inclusão social, pois mesmo trabalhando em casa existem relações com o entregador da mercadoria, com os vizinhos que ajudam em diversas situações cotidianas e para alguns entrevistados os vínculos de amizades também aumentam. Contudo, os dados referentes à aposentados da camada social baixa contrariam a crença, embasada sobre a camada social média, de que a aposentadoria representa o começo do desengajamento social (VELOZ; NASCIMENTO-SCHULZE & CAMARGO, 1999). Este aspecto pode ser verificado nos relatos de José e Estér:

*“(...) a diferença é que os vínculo, ele aumenta porque aí cê tem mais tempo pra tá buscando, pra tá aceitando um convite, por exemplo, chega um convite, vamo sexta-feira pro rancho, pra chácara, então cê tem como aceita porque você não tem aquele compromisso com o trabalho né? de ser um funcionário” (José).*

*“(...) eu quase não era muito de amizade assim, fui tê mais agora...passei a tê mais, porque agora assim conviveno na igreja...aí aquela turma, mais assim, antes eu num tinha, porque eu vivia trabalhano, só dentro de casa, então era mais eu e a família mesmo” (Estér).*

Assim, a aposentadoria parece ser representada para alguns participantes como um tipo de “linha flexível”<sup>4</sup> no trabalho, já que se aposentar proporciona o encontro de novos caminhos. Na realidade específica estudada, com a possibilidade do trabalho domiciliar, estes trabalhadores conseguem escapar de um padrão, de uma vida regrada pelo trabalho e atualizam os antigos hábitos criando espaços para o devir.

Este estudo revelou, ainda, que a representação sobre aposentadoria se distingue de acordo com a classe social. Enquanto para muitos aposentados de classe média a chegada da aposentadoria é uma passagem difícil, com grandes perdas e rompimento de vínculos sociais (GATTO, 2002), parece que na camada popular estudada esta passagem é sutil, não se caracterizando como uma fase de perdas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diferentemente da literatura especializada, os aposentados desta classe social específica, aponta a aposentadoria de forma positiva, desfazendo alguns estereótipos sobre a situação de aposentado. Foi constatado que a aposentadoria não representa uma ruptura com a vida produtiva e social e sim que quando mais cedo vier a aposentadoria melhor, pois assim tem-se um salário pago pelo governo e outro pelo seu serviço, já que suas atividades produtivas não são cessadas. Desta forma, um salário complementa o outro.

Observou-se, ainda, que para a maioria dos entrevistados o trabalho após a aposentadoria é vivido de forma mais livre, principalmente porque os aposentados são seus próprios patrões, ou seja, não há uma fiscalização externa que controle quantos pares de sapatos são costurados por dia, ou em que horário são feitos. Assim, a aposentadoria é vivida

---

<sup>4</sup> Para Deleuze & Guattari (1996) a linha de estratificação flexível se revela como uma forma de criar novos hábitos sem quebrar totalmente com os antigos, seria como um “jogo de cintura” na forma de agir e desempenhar papéis.

de forma tranqüila e com maiores possibilidades de usufruto de momentos antes impossibilitados pela vida regrada do trabalho.

Diante dos resultados obtidos com esta pequena amostra estudada, torna-se importante um aprofundamento do tema através de novas pesquisas, a fim de se compreender mais a fundo como a aposentadoria é vista e vivida pela camada popular brasileira. Além disso, faz-se necessário continuar buscando entender a relação destes aposentados com o trabalho, investigando se este é realizado pela necessidade financeira, pela cristalização de um papel social ou se existe mesmo prazer pelo que se faz.

## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. E. D.A. de. *Etnografia da prática escolar*. 6. ed. Campinas: Papirus, 1995.
- BARBOSA, A. de S.; MENDES, A. M. Capital, trabalho e formação da classe na indústria de calçados. *Políticas públicas e sociedade*. Revista do mestrado acadêmico em políticas públicas e sociedade da universidade estadual do Ceará, v. 1, n. 5, p. 63-71, jan/jun.2003.
- BRUNS, M. A. de T.; ABREU, A. S. *O envelhecimento: encantos e desencantos da aposentadoria*. Rev. ABOP, v.1, n.1, 1997.
- CAMARANO, A. A.; *Muito além dos 60 – Os novos idosos brasileiros*. Rio de Janeiro: Ed. IPEA, 1999.
- CALDAS, C. P. Memória, trabalho e velhice: um estudo das memórias de velhos trabalhadores. In: VERAS, Renato P. (org.). *Terceira idade: desafios para o terceiro milênio*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: UnATI/UERJ, 1997.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs*. ed.2, vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1996.
- GATTO, I. de B. Aspectos psicológicos do envelhecimento. In: PAPALÉO NETTO, Matheus. *Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. São Paulo: Atheneu, 2002.
- GIANNI, V. M. P. di. *O idoso – homem – e o seu envelhecer*. 2001, 149 f. (Doutorado em Serviço Social). Universidade Estadual Paulista “Julio Mesquita Filho”, Franca, 2001.
- GIATTI, L.; BARRETO, S. M. “Saúde, trabalho e envelhecimento no Brasil” Cad. Saúde Pública, v.19, n.3, Rio de Janeiro jun. 2003. Disponível em:<<http://www.scielo.org/index.php>>. Acesso em: 06 nov. 2006.
- GUIMARÃES, I. B. *Maturidade e experiência em atividades informais de baixa renda*. Caderno CRH, Salvador, v.17, n.42, p.389-404, set/dez. 2004.
- IGARASHI, N. M. *A saúde e a qualidade de vida do idoso no centro de convivência do idoso de Franca – SP*. (Trabalho de Conclusão de Curso em Serviço Social). Universidade Estadual Paulista “Julio Mesquita Filho”, Franca, 2001.
- MEDEIRO, R. A. *O idoso aposentado: uma análise social*. (Trabalho de Conclusão de Curso em Serviço Social). Universidade Estadual Paulista “Julio Mesquita Filho”, Franca, 1992.
- MINAYO, M. C. de S. *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. 4. ed. São Paulo: Afiliada, 1996.
- PELOZO, C. R. B. B.; NEVES, I. O. das. *O centro de convivência do idoso de Vera Cruz: uma opção de lazer para uma melhor qualidade de vida*. 1998, 51 f. (Tese em Serviço Social). Universidade Estadual Paulista “Julio Mesquita Filho”, Franca, 1998.
- POLONI, A.; PACHECO, E. A. C.; FILHO, H. B.; LESSA, M. B. Caderno de estudos (Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis de Franca – FACEF) – Franca, v.1, n.1, 2000.

SILVA, J. de S.; BARBOSA, J. L. O sentido do trabalho informal na construção de alternativas socioeconômicas e o seu perfil no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IETS, 2001.

SINÉSIO, N. B. O. “*Universidade da melhor idade: uma proposta salesiana para idosos*”. Campo Grande: UCDB, p.60-73, 1999.

SKINNER, B.F.; VAUGHAN, M.E. “*Viva bem a velhice: aprendendo a programar a sua vida*”. São Paulo: Sumus, p.69-80, 1985.

SUZIGAN, W. *Sistemas produtivos locais no estado de São Paulo: o caso da indústria de calçados de Franca*. Contrato IPEA/PNUD e Instituto de Economia/UNICAMP. Campinas, 2000.

Disponível em:  
<<http://geein.fclar.unesp.br/atividades/pesquisacluster/rp%20cal%C3%A7ados%20IPEA.pdf>>  
. Acesso em 10 jul.2008.

VELOZ, M. C. T.; NASCIMENTO-SCULZE, C. M.; CAMARGO, B. V. “Representações sociais do envelhecimento”. *Psicol. Reflex. Crit*, v. 12, n.2, p.479-501, 1999. ISSN 0102-7972. Disponível em:<<http://www.scielo.org/index.php>>. Acesso em: 15 out. 2005.

VERAS, R. P; RAMOS, L. R.; KALACHE, A. “Crescimento da população idosa no Brasil: transformações e conseqüências na sociedade”. *Rev. Saúde Pública*, v. 21, n.3, p.225-233, Jun 1987. Disponível em:<<http://www.scielo.org/index.php>>. Acesso em: 19 nov. 2005.

ZANELLI, J. C.; SILVA, N. “*Programa de preparação para aposentadoria*”. Florianópolis: Insular, p.17-34, 1996.